

**O CONECTIVO *QUANDO*
NA FASE ARCAICA DO PORTUGUÊS**

Maria Regina Pante (UEM)

mrpante@hotmail.com

Valéria Adriana Maceis (UEM)

INTRODUÇÃO

Além da ideia temporal, outras circunstâncias adverbiais, principalmente as de causa e condição, podem coexistir nas construções formadas pelo conectivo *quando*. Observamos, entretanto, que a interpretação desse conectivo apresentada pela maioria das gramáticas costuma limitar-se apenas à noção de tempo. Rocha Lima (2000: 283), por exemplo, afirma que

É papel da oração temporal trazer à cena um acontecimento ocorrido antes de outro, depois de outro, ou ao mesmo tempo que outro. Para cada um desses aspectos, possui a oração temporal, quando desenvolvida, conjunções apropriadas. A mais geral das partículas é *quando*, com a qual se exprime, de maneira mais ou menos vaga, a ocasião em que se passa um fato: Quando a morte chegou, / encontrou-o em paz com Deus.

Para Cunha (1975, p. 541), *as conjunções temporais iniciam uma oração subordinada indicadora de uma circunstância de tempo: quando*. O autor apresenta como exemplo, um fragmento de Cecília Meireles: “custas a vir e, quando vens, não te demoras”.

Segundo Bechara (1999, p. 502), *a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal*. Ele aponta o *quando* como conector para o tempo posterior (saiu quando ele chegou) e para o tempo frequentativo (quando o vejo, lembro-me do que me pediu).

Em Houaiss (2001), entretanto, encontramos o *quando* ora como advérbio, ora como conjunção. Como advérbio, ocorre com valor circunstancial de **tempo** (em que ocasião): Prometeu visitá-la, mas não disse **quando**, assim como em frases interrogativas (diretas ou indiretas): – *Quando* vocês voltam? Quero saber *quando* vocês voltam; ou ainda como advérbio relativo com o mesmo sentido de “em que”: – Este trabalho é de um tempo **quando** ainda não havia computador. Nas construções em que o *quando* aparece como con-

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

junção, o autor esclarece que introduz orações subordinadas adverbiais e pode dar ideia de **tempo** (Quando chove, fico em casa), de **condição** (Quando queria sair, sempre dava um jeitinho), de **causa** (Mudou de conversa quando alguém perguntou pela dica), de **proporção** (Quando o menino chorava, ela cantava mais alto) e de **concessão** (Costuma convidá-la para jantar quando sabe muito bem que ela está de regime).

A possibilidade de esse conectivo *quando* apresentar outras relações semânticas entre porções de texto levou-nos a investigar gramáticas históricas e documentos escritos pertencentes à fase arcaica da língua portuguesa para constataremos se essas possibilidades já eram aventadas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O conectivo *quando* remete à língua latina, na qual, segundo Saraiva (1924, p. 989), podia desempenhar função de advérbio, com valor de tempo “quando?”, “em que tempo?”, e de conjunção, com o sentido de “visto que”, “já que”, “pois que”, ou seja, valor concessivo.

Segundo Dias (1933, p. 287-289),

De exprimir simplesmente o tempo em que uma coisa acontece, serve a conjunção *quando* (...) Em asserções gerais, as or. de *quando* avizinham-se muitas vezes das **condicionais** de *se*. As orações de *quando* são propriamente condicionais, quando a or. subordinante diz o que há de, ou havia de acontecer em um caso (indicado na or. de *quando*), cuja realidade não é afirmada nem negada. (...) Falando-se do que é real tanto na or. subordinada como na subordinante, muitas vezes tem-se em vista principalmente a exprimir um **contraste** entre o conteúdo das duas orações. (...) *Quando* funciona em sentido **causal** nos argumentos, frequentemente envolvidos em interrogações retóricas. (grifos nossos)

Essa visão extremamente atual dos fatos da língua evidencia a lacuna existente em nossas gramáticas, as quais não apontam tais acepções, tão empregadas por nossos falantes de língua portuguesa.

Said Ali (s/d), com propriedade e clareza, há muito já manifestava a sua opinião acerca do emprego ou da ausência dos conectivos entre os enunciados. Segundo ele,

Discutível é a serventia de ligar orações. Elemento novo interposto entre dois sistemas homogêneos tanto pode cimentar como desunir; e pa-

DEPARTAMENTO DE LETRAS

ra ligar palavras a palavras, frases a frases, orações a orações, basta pronunciá-las seguidamente sem pausa. Que a linguagem criasse vocábulos expressamente para este efeito, por não poder encadear os enunciados dos pensamentos sem tal recurso, não é coisa crível. Aí estão as construções assindéticas, tão inteligíveis para os povos atrasados, e tão claras e elegantes para os homens de cultura superior. E até aquela partícula a que damos o nome de “integrante” e raras vezes omitimos em português, em certos dizeres comuns do inglês ou do alemão mais vale desaparecida que ostentando-se.

O autor acrescenta, ainda, que “as partículas *que* e *quando* de per si bastam para denotar concessão, uma vez que o verbo esteja no modo conjuntivo (...): *e quando de seu cuidado e trabalho colham algum fruto, esse quando menos ficará onde nasceo* (Vieira, *Serm.* 4, 356)”.

Essa postura frente ao emprego ou não dos conectivos também se faz presente entre pesquisadores atuais de base funcionalista. Hopper e Thompson (*apud* Lima-Hernandes, 2004, p. 183-184), por exemplo, opinam que

Os conectivos (...) não são fundamentais para o estabelecimento de relações de sentido entre orações: (...) A explicação para o fato prende-se à capacidade de o falante reconhecer que uma mesma relação pode ser desencadeada sob mais de uma forma diferenciada. (...) Os conectores são originalmente motivados pelo desejo que o falante tem de ser claro e informativo, com vistas à interpretação das orações construídas.

Lima-Hernandes (2004, p. 183-184) concorda com os autores e acrescenta que

A escolha do tipo do conectivo para expressar determinada relação pode ser crucial na gramaticalização da noção que carrega. O conector ‘quando’, numa construção complexa em que mais de uma relação semântica aflora, ratifica essa afirmação. Uma conjunção, tradicionalmente temporal, desencadeia a relação de condição e nos permite considerar um novo uso para uma velha forma. Esse fenômeno não pode ser desprezado nos estudos funcionalistas, uma vez que pode envolver explicações de mudança histórica, tais como aquelas fundamentadas na gramaticalização.

Os pesquisadores de cunho funcionalista, entre os quais se encontra Lima-Hernandes, nos últimos anos, vêm abordando, com certa frequência, aspectos da conexão de orações, tanto em dados de língua falada quanto em dados de língua escrita do português, e apontando alguns fatores que podem ser cruciais para o desencadeamento de novos sentidos para velhas formas.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Para Neves (2000, p. 787), “a ordem relativa das orações é pertinente para a interpretação do efeito de sentido. Também tem grande importância a existência ou não de pausa entre a **oração nuclear** e a **oração temporal**.” A correlação dos tempos verbais nas construções temporais também favorece interpretações semânticas diferentes. Como vimos, Said Ali correlacionou o modo conjuntivo ao valor concessivo do conectivo.

Nos exemplos a seguir, extraídos de Neves (2000, p. 9),

1. **Quando** não **há** vítimas o RP não **atende**.
2. Eles **recuperam** a saúde **quando voltam** a terra.
3. **Quando** **nascia** um filho, o sacerdote **examinava** o livro do destino.
4. **Quando** **voltava**, ou eu ou a gravadora **desanimava**.

observamos que 1 e 2 apresentam os verbos no modo indicativo (*há/atende; recuperam/voltam*), tanto nas nucleares (principais) quanto nas subordinadas. Além disso, as orações subordinadas iniciadas pelo *quando* estão antepostas às principais. Tais ocorrências de tempo presente com tempo presente caracterizam uma perspectiva global imperfectiva de estados de coisas simultâneos (total ou parcial), o que indica a habitualidade. Esse complexo favorece uma interpretação **condicional**:

1' (Se) não há vítimas o RP não atende.

2' Eles recuperam a saúde (se) voltam a terra.

Os exemplos 3 e 4 trazem as orações subordinadas igualmente antepostas às principais, mas no pretérito imperfeito (*nascia/examinava; voltava/desanimava*). Embora o tempo verbal seja diferente dos exemplos 1 e 2, o modo indicativo também caracteriza uma perspectiva global imperfectiva de estados de coisas simultâneos (total ou parcialmente) e favorece uma interpretação **condicional**:

3' (Se) nascia um filho, o sacerdote examinava o livro do destino

4' (Se) voltava, ou eu ou a gravadora desanimava.

Esses exemplos demonstram, de fato, que a ordem e os tempos e os modos verbais são responsáveis por outras interpretações de sentido apresentadas pelo conectivo *quando*.

A HIPOTAXE ADVERBIAL NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

Mattos e Silva, em *Estruturas Trecentistas* – elementos para uma gramática do português arcaico, apresenta, entre outros estudos, a descrição do enunciado complexo, dividido em dois aspectos: a) dos mecanismos de conexão de enunciados simples para a constituição de enunciados complexos e b) da ordem dos sintagmas constituintes dos enunciados.

O primeiro aspecto compreende o estudo dos mecanismos de coordenação e de subordinação a partir da análise dos relacionantes coordenadores e subordinadores documentados. Na subordinação, são consideradas as subordinadas expressas por enunciados com verbos em suas formas finitas e com verbos em suas formas nominais, tanto nas subordinadas circunstanciais quanto nas completivas e nas relativas. O segundo aspecto compreende a disposição dos constituintes em enunciados principais afirmativos e negativos, em enunciados interrogativos e nas subordinadas relativas, completivas e circunstanciais.

Ao abordar as orações hipotáticas adverbiais temporais, a autora apresenta os seguintes conectivos temporais: *quando*, *pois* ~ *pois que* ~ *depois que*; *despois que*; *ante que*, *dementre* ~ *dementres* ~ *enquanto*; *sol que* ~ *logo que*; *cada que*; *ata que*. E, ao analisar especificamente o conectivo *quando*, esclarece que se trata de um dos mais empregados nessa fase da língua, sem, no entanto, apresentar qualquer outro sentido que ele possa apresentar além do valor temporal. A autora apenas esclarece que ele indica o tempo em que ocorre o evento sem especificações, diferentemente dos outros conectivos temporais. Entendemos, portanto, que esse conectivo, pelo menos no *corpus* analisado pela autora (*Diálogos de São Gregório* – século XIV), não apresenta outro sentido que não seja o temporal.

Como se pode entrever, a autora apresenta um estudo exaustivo de uma única obra e não nos fornece qualquer outra possibilidade para o conectivo *quando*. Dias (1933), por sua vez, apresenta exemplos de outras interpretações, mas eles se referem a um período posterior à fase arcaica do português.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Nesta pesquisa, portanto, focamos porções de textos de duas sincronias do português para verificarmos se outras possibilidades semânticas já eram atribuídas ao conectivo *quando*.

ANÁLISE LINGÜÍSTICA

As porções de texto analisadas foram extraídas de textos do século XV e início do século XVI. Os exemplos (1) e (2) foram extraídos do texto *Castelo Perigoso* (XV), os exemplos (3) e (4) foram extraídos do texto *Crônica dos reis de Bisnaga* (XVI):

Presente/ presente Interpretação condicional	(1) Como o diaboo, quando se vee vencido do primeiro combate, se trabalha combater as devotas pesoas per injúrias, vilanias, tribulações.	(1) <i>Como o diabo, quando se vê vencido no primeiro combate, trabalha em combater as pessoas devotas com injúrias, vilanias e tribulações</i>
Presente/ presente Interpretação condicional	(2) Quando o envejoso vee ou ouve os bês de taaes pesoas; elle os prasma, quando pode, pollos abater.	(2) <i>Quando o invejo vê ou ouve os bens de tais pessoas, ele os censura, quando pode, para os abater.</i>
Presente/ presente Interpretação condicional	(3) Esta terra carece d augoa por ser muyto gramde, e ter poucas ribeyras; fazem alagoas em que se recolhe a augoa quoando chove (...)	(3) <i>Esta terra, por ser muito grande e por ter poucas ribeyras, carece de água; fazem lagoas em que se recolhe a água quando chove.</i>
Presente/ presente Interpretação condicional	(4) (...) porque este criou a el-rey, e o fez rey, e asym o tem em logar de pay, e quoando chama o dito rey lhe chama senhor Salvatinica	(4) (...) <i>porque criou este para rei e o fez rei, e assim o tem em lugar de pai, e, quando chama o dito rei, chama-lhe senhor Salvatinica (...)</i>

Os exemplos (1) e (4) trazem, tanto na oração principal quanto na subordinada, os verbos no presente do modo indicativo (*vee/trabalha; chama/chama*), o que favorece a interpretação **condicional**; o exemplo (2) apresenta duas construções, uma com a oração principal anteposta, e outra, posposta, ambas com verbos também no presente do indicativo (*vee/ouve; prasma/pode*), favorecendo, igualmente, a interpretação **condicional**; o exemplo (3), por sua vez, não apresenta a anteposição da oração principal, mas a correlação entre os verbos no tempo presente do modo indicativo (*recolhe/chove*) também favorece a interpretação **condicional**.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

O exemplo (5), extraído do texto *Leal Conselheiro* (XV), apresenta a correlação de pretérito imperfeito com pretérito imperfeito (*tornava/conssiirava*), a exemplo do que ocorre com a correlação entre tempos do presente, o que favorece uma perspectiva global imperfectiva de estados de coisas simultâneos (total ou parcialmente) e uma interpretação também **condicional**.

Imperfeito/ imperfeito Interpretação condicional	(5) E ssobre todas estas cousas avya esta pratica, que quando tornava a aquella muy malleçiosa renembrancha, com gastamento de coração logo lhe conssiirava o fundamento.	(5) <i>E havia esta prática sobre todas as coisas, que, quando voltava aquela maliciosa lembrança, com ira do coração, logo refletia sobre o motivo.</i>
---	--	--

Por outro lado, os exemplos (6) e (7), também extraídos da *Crônica dos reis de Bisnaga*, apresentam anteposição das orações principais, mas a correlação dos tempos verbais se dá entre formas do pretérito perfeito do indicativo (virão/acometerão/conveyo), o que favorece uma interpretação **causal**.

Pretérito perfeito/ pretérito perfeito Interpretação causal	(6) Mas quando virão da maneyra que os acometerão, conveyo lhe deixar do que lhes compria pera sua salvação (...)	(6) <i>Mas, quando viram a maneira como os acometeram, conveio lhe deixar o que lhe cumpria para sua salvação (...)</i>
Pretérito perfeito/ pretérito perfeito Interpretação causal	(7) Quando os que asy vinhão fugindo virão o mau acarro que tinham nos seus, conveyo lhe tornar a virar contra os inimigos (...)	(7) <i>Quando os que assim vinhão fugindo viram o mal (?) que tinham nos seus, conveio-lhe tornar a virar contra os inimigos (...)</i>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de dados do português contemporâneo, analisamos ocorrências do conectivo *quando* em textos dos séculos XV e XVI e comprovamos que, se a ordem não se faz tão significativa, como nos exemplos (1) a (4), pelo menos a correlação entre tempos verbais apontou para a possibilidade de interpretações diversas, como a condicional e a causal. Para outras possibilidades de interpretação, é necessária uma pesquisa mais ampla, com textos de diversos gêneros e sincronias.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.

DIAS, A. E. Silva. *Sintaxe histórica portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Clássica, 1933.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LIMA-HERNANDES, M. C. Estágios de gramaticalização da noção de tempo – processos de combinação de orações. **In:** *Revista Veredas*. vol. 8, nº 1 e nº 2. Juiz de Fora: UFJF. 2004, p. 183-194.

LIMA-HERNANDES, M. C. *Orações adverbiais temporais conectivas no português popular de São Paulo*. Disponível em http://www.fflch.usp.br/dlc/lport/pdf/mariacelia_c01.pdf. Acesso em 10/06/08

MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas*. Elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico*. Fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, [s/d.].

Corpus informatizado do português medieval. Disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso em 10 de junho de 2008.

Projeto Gutenberg. Disponível em http://www.gutenberg.org/wiki/Main_Page. Acesso em 10 de junho de 2008.